

## **Tecnologias de Vigilância na Arte: Uma Proposta de Análise Estética e Geopolítica <sup>1</sup>**

Camila Helena Silva TRAUNMULLER<sup>2</sup>

Tarcisio Torres SILVA<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

### **RESUMO**

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que tem como intuito analisar obras de artistas contemporâneos que vem trabalhando com novas tecnologias de vigilância, tais como drones, câmeras e mídias móveis. Para tanto, foram selecionados oito artistas, situados em localidades estrategicamente consideradas: Brasil, Estados Unidos, Europa e Oriente Médio. As análises mostram que existe uma preocupação similar que percorre o trabalho dos artistas ao mesmo tempo em que se observa uma divisão de interesses, que é estabelecida a partir de marcas como segregação social, economia e política.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte; vigilância; novas tecnologias; segurança; vídeo.

### **INTRODUÇÃO**

Vigiar e ser vigiado parece algo aparentemente normal e conectado à vida das pessoas no século XXI. Talvez por uma questão de sobrevivência frente à paranoia moderna, os indivíduos se mostram cada vez mais acostumados com a presença de câmeras de vigilância espalhadas na paisagem urbana. Notamos também que a tecnologia vem se desenvolvendo em ritmo acelerado, passando a produzir câmeras menores e mais potentes, celulares e smartphones com funções de gravação de vídeo em alta definição, entre tantas outras novas tecnologias que podem ser utilizadas como instrumentos de vigilância. Nesse sentido, percebemos que se amplia a sensação de estarmos em um mundo com espaços cada vez mais monitorados por esses mecanismos.

A todo o momento alguém fotografa ou grava um vídeo de si próprio e posta em redes sociais ou divulga em chats e aplicativos de conversas online. Por vezes, fotografa também quem está por perto, gerando questões éticas e de invasão de privacidade. Estamos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do Curso de Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, bolsista de iniciação científica CAPES/CNPQ. email: [camila.hst@hotmail.com](mailto:camila.hst@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Artes Visuais, Professor Pesquisador do Centro de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. email: [tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br](mailto:tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br).

sendo filmados ou registrados em fotos, dentre espaços públicos ou privados, e sem muitas vezes saber e/ou ter autorizado. Podemos pensar que muito desse movimento, tanto de adaptação, como de “prazer” em ser vigiado, pode estar atrelado a novas tecnologias que são introduzidas no mercado com preços cada vez mais acessíveis, e em alguns casos, são vendidas como simples ferramentas para registrar momentos pessoais.

Temos como exemplo dessas atualizações, temos tecnologias inicialmente usadas como instrumentos de guerra e que passam agora a ser comercializadas em lojas de produtos eletrônicos. Seria o caso dos drones<sup>4</sup>, máquinas voadoras equipadas com câmeras que vêm se tornando muito recorrentes na atualidade. No ano de 2012, por exemplo, foi o item mais vendido no natal dos EUA e há uma estimativa de que estes produtos passem de mais de dez mil vendidos até o ano de 2020. Os drones têm sido usados para bombardeios e espionagens em locais de guerra, e também para demarcar e fotografar territórios. A empresa *Google* é uma das que já utilizou drones para gravar vídeos em determinadas cidades/estados dos EUA e em outros países para usá-los em sua ferramenta de mapeamento online, o *Google Street View*<sup>5</sup>.

Pensando isso nos dias atuais em que estamos sempre expostos a câmeras, não conseguimos saber/entender quem nos vigia e para o que se registram tais imagens. Diante de todas essas câmeras de vigilância e possíveis armas de controle de estado, alguns artistas vêm se manifestando sobre a ideia de vigiar e ser vigiado, trazendo questões mais profundas e densas sobre o avanço desenfreado da tecnologia e da exposição pessoal, seguida da perda de privacidade e aumento da exposição social, além de repensar o modo de uso desses produtos, tentando intervir e lembrar as pessoas de que elas estão sendo filmadas e expostas a todo e qualquer momento.

Neste trabalho, selecionamos oito artistas contemporâneos, cada um com sua forma de questionar os dispositivos de vigilância e a exposição da imagem e vídeo. Alguns deles se opõem e realizam atos de contra-vigilância, outros distorcem o considerado “normal” em circuitos de vigilância, e alguns ainda trazem à tona questões de privacidade e limite de ver e ser visto. A intenção é analisar as obras dos mesmos, diante do avanço tecnológico e de

---

<sup>4</sup> Veículo aéreo não tripulado (VANT) ou drone é todo e qualquer tipo de aeronave que não necessita de pilotos embarcados para ser guiada. Estes tipos de aviões são controlados à distância por meios eletrônicos e computacionais, sob a supervisão de humanos, ou mesmo sem a sua intervenção, por meio de Controladores Lógicos Programáveis.

<sup>5</sup> Google Street View é um recurso do Google Maps e do Google Earth que disponibiliza vistas panorâmicas de 360° na horizontal e 290° na vertical e permite que os usuários vejam partes de algumas regiões do mundo ao nível do chão /solo.

questões como exposição pessoal, perda de privacidade e repensar se o uso de tais dispositivos, que da maneira como vêm sendo utilizados, pode ser benéfica ou maléfica à sociedade.

Para a análise dos artistas contemporâneos, procuramos selecioná-los a partir de alguns critérios, sendo eles: trabalhos com no máximo dez anos; utilização de dispositivos tecnológicos, como câmeras em circuitos de vigilância, drones, vídeos com intervenções, aplicativos de mapeamento, entre tantos outros.

Identificamos a necessidade de separar os artistas em grupos, levando a divisão do mundo atualmente e o que isso gera em relação à arte política, tais como questões sociais, econômicas, geográficas e quais as diferentes funções da vigilância nesses casos. Dentre os oito artistas escolhidos, temos dois de cada uma dessas localidades: Brasil, Europa, Estados Unidos e Oriente Médio.

As diferenças no modo como se enxerga a vigilância nesses locais pode ser brevemente explicitada dessem modo: nos Estados Unidos desde o ataque de 11 de setembro, a vigilância é encarada de forma diferente, tornando-se uma paranoia quase que por completo, já na Europa a imigração e os recentes atentados fazem a vigilância estar mais presente nas ruas e, por conseguinte, no dia a dia dos europeus. Entretanto, no Oriente Médio, a vigilância é facilmente percebida como algo mais contrário a população do que a favor, isso devido aos grupos extremistas e a forte presença dos Estados Unidos na região, sempre monitorando qualquer tipo de atividade. E ainda, no Brasil, a vigilância também se mostra mais agressiva, em específico com as classes mais baixas, afirmando ser essa uma questão de segurança pública.

Agora, faremos uma descrição mais detalhada dos artistas selecionados, procurando aproximações entre eles. A análise será feita por blocos, considerando os critérios apontados acima.

### **Brasil**

No Brasil, a vigilância e a arte podem ser contextualizados de acordo com a sociedade. Para isso Teresa Caldeira (2000) em seu livro *Cidade de Muros*, propõe que uma das maiores contradições do país é a emergência de uma noção de espaço público já fragmentado e segregado, o que leva ao que a autora chama de caráter disjuntivo.

A polícia e os enclaves serão tomados, assim como os discursos sobre a criminalidade urbana, como formas de expressão da lógica de exclusão e

segregação existente na sociedade brasileira contemporânea, formas que convivem com características democráticas dessa mesma sociedade, por isso são exemplos do caráter disjuntivo de nossa democracia (CALDEIRA, 2000 *apud* ALVES, 2002).

Relacionando os artistas a esse contexto, pode-se perceber a vigilância, por meio da arte, levantando questões como a segurança pública. Câmeras em todos os espaços, públicos e privados e esse uso de vigilância estando sempre voltado para as classes inferiores, beneficiando as classes média e alta, assim fixando a segregação existente. Vejamos agora as obras selecionadas.

### *Não é sobre sapatos*

Gabriel Mascaro desenvolveu *Não é sobre sapatos* a partir das manifestações que ocorreram no Brasil, no início de 2013, a qual inicialmente contestava o aumento da tarifa do transporte público. A cobertura feita das manifestações pela *Mídia Ninja*, um coletivo de jornalismo independente que acompanhava em tempo real usando celulares as manifestações. Entretanto, o que o artista propõe em sua obra é justamente o contrário dessa mídia independente, ele procura usar imagens e vídeos produzidos pela Polícia Militar através de câmeras tradicionais ou *GoPro*<sup>6</sup> presas no colete dos policiais, sendo assim o artista usa da apropriação de imagens a fim de colocá-las sob uma nova ótica.

Mascaro buscou também restituir o anonimato aos manifestantes, inserindo bolas pretas nos rostos quando aparecem em fotos e vídeos e, com isso, o artista rompe com a exposição feita e coloca em questão os confrontos e ações políticas. O objetivo do artista com seu projeto é levantar questões sobre o uso dessas imagens. Já a ideia da filmagem dos pés diz respeito a uma técnica de policiais à paisana encontrada em documento, o qual também é exposto pelo artista. Nesse documento estão algumas instruções como: chegar a manifestação mais cedo, se possuir câmeras já dar início ao mapeamento dos rostos, registro de conversas informais e principalmente registrar os sapatos dos manifestantes, pois os mesmos sempre trocam de roupa durante as manifestações, mas não de sapatos.

---

<sup>6</sup>As câmeras digitais da marca *GoPro* captam fotos e vídeos por meio de lentes grande-angulares e podem ter o nível de intervenção configuradas pelo usuário e são muito utilizadas na área dos esportes.



**Figura 1.** Fragmento do vídeo *Não é sobre sapatos*, de Gabriel Mascaro.  
Disponível em: <[http://payload311.cargocollective.com/1/5/188762/8529033/this-is-not-about-shoes\\_Bienal2014\\_Gabriel-Mascaro\\_01\\_640.jpg](http://payload311.cargocollective.com/1/5/188762/8529033/this-is-not-about-shoes_Bienal2014_Gabriel-Mascaro_01_640.jpg)>. Acesso em 26 fev. 2016.

### *Background Noise*

A artista brasileira Renata Lucas traz um vídeo, a princípio comum, porém logo é possível notar que algo está “diferente” e que os acontecimentos do mesmo são “anormais”. Trata-se de um circuito fechado de câmeras de vigilância, onde as imagens vão passando e mostrando cômodos vazios ou com objetos de construção. No início do vídeo tudo parece muito normal, porém logo em seguida é possível notar que existe algo além dos cômodos e objetos largados no chão. É possível notar que aparecem animais, como macacos, onças, e alguns pássaros. O vídeo traz a ideia de que os animais não combinam com o ambiente onde estão e traz um certo incômodo na observação das imagens dos animais se movendo, a onça parece estar sempre caçando, o macaco e os pássaros, algumas vezes, nos remetem a presas que estão distraídas ou que estão tentando escapar das onças.

Com o decorrer do vídeo é possível perceber que as imagens foram manipuladas. A artista juntou imagens de câmeras de vigilância nessa construção vazia com imagens de animais recortados para parecerem adaptados ao local. O vídeo pode nos trazer vários questionamentos. Num primeiro momento, a percepção de que ver os animais naquele espaço não parece certo ou normal, e segundo a ideia das câmeras, dos animais sendo gravados caçando, distraídos ou atentos. Renata Lucas propõe essa subversão à imagem normal, ao padrão e ao que é esperado e comum. Em muitos de seus trabalhos ela apresenta como proposta a inversão do espaço, um pouco da ideia de espaço invadido ou não pertencente.

Por fim, analisando os artistas relacionados ao Brasil, eles expõem suas obras sempre colocando em questão a vigilância em forma de arte. Eles abordam algumas de maneira mais sutil e outras mais explícitas, colocando em pauta a problematização da

segurança pública no Brasil, dos lugares públicos serem constantemente vigiados, a questão da privacidade e apropriação de imagem. Renata Lucas tem um foco maior de suas obras para com a questão dos ambientes em observação, locais públicos que são controlados por sistemas internos de câmeras e o que isso acarreta na sociedade e no comportamento das pessoas. Já Gabriel Mascaro leva a vigilância para o tema das manifestações, que ocorreram no Brasil em 2013, e propõe um debate sobre até onde a polícia e as pessoas têm direitos sobre as outras, em questão de apropriação de imagem e privacidade. Isso mostra que os artistas contemporâneos brasileiros, que abordam a vigilância em seus trabalhos, têm em comum a preocupação sobre como a vigilância está presente na sociedade, o que ela causa e no que infringe.

### **Europa**

A Europa enfrenta atualmente algumas ameaças como o terrorismo, a criminalidade organizada e a cibercriminalidade. Apesar da segurança interna ser de responsabilidade de cada país, a União Européia age em prol dos desafios que ultrapassam a competência individual e trabalha para reforçar as ações contra as ameaças. Segundo a Comissão Europeia (A Comissão, 2015), embora o terrorismo não seja um problema novo, a dimensão e o fluxo de combatentes que se juntam aos conflitos que alastram na Síria, no Iraque e na Líbia, não têm precedentes. E, junto a isso tem-se a cibercriminalidade que devido a um número cada vez maior de dados pessoais armazenados em formato digital, ameaça a segurança das pessoas e o respeito da vida privada.

A Europa, devido aos atentados, é extremamente vigiada, questão pautada pelos artistas que abordaremos abaixo. Além disso, o fluxo migratório em direção ao continente atingiu níveis altos no ano de 2015, isso em função dos milhares de pessoas buscando asilo, devido a guerras, conflitos, fome, intolerância religiosa, terríveis mudanças climáticas, violações de direitos humanos, entre outros. Ademais, entram questões como violência, opressão, xenofobia e exploração desses migrantes, o que torna a imigração um problema grave para toda Europa.

### *Street Ghosts*

aolo Cirio coloca em discussão em seu trabalho a privacidade na internet falando diretamente do *Google Street View*. Essa ferramenta é um recurso proveniente do *Google*

*Earth*<sup>7</sup> e *Google Maps*<sup>8</sup>. Nela é possível que o usuário veja partes de várias regiões do mundo com visão ampliada ou aproximada como de uma rua, por exemplo. Com isso, Paolo imprime as fotos em tamanho real, com as mesmas cores e baixa resolução, recorta a imagem bem no contorno da pessoa e fixa com *wheatpaste*<sup>9</sup>. Assim, as imagens são fixadas exatamente nos mesmo lugares onde as pessoas estavam no *Street View*. A estética das imagens utilizadas no projeto possui cores borradas, um aspecto espectral e fantasmagórico, deixando em evidência essa visão de que todos são vítimas de uma exposição e tornam-se uma sombra do mundo digital no real. Paolo utiliza da releitura para realizar a sua obra, já que modifica as imagens do *Google* em prol de seu objetivo.

O artista busca colocar em destaque questões legais, especificamente sobre a privacidade digital. O *Street View* obtém as imagens de pessoas andando, realizando suas atividades diárias na rua, fazendo compras, entrando em um estabelecimento ou residência e outras coisas diversas. E, apesar do *Google* alegar que “borra” o rosto das pessoas no *Street View*, isso nem sempre funciona com eficácia, pois ainda restam as roupas e cabelos na imagem. Ademais, se houver interesse na vida particular de alguém, é possível encontrar além das imagens, características físicas e localizações, dados, hábitos e preferências. Sendo assim, o artista se apropria dessas mesmas imagens, sem autorização do *Google*, e as fixa pelas ruas, criando uma espécie de protesto, chamando a atenção de quem passa para essa problemática.

#### *Under the shadow of drone*

O projeto de James Bridle, tem foco nos drones usados pelas Forças dos Estados Unidos e Londres, ou seja, drones maiores para missões de bombardeios e vigilância em zonas de conflito como Afeganistão, Paquistão, Iraque, entre outros. O artista destaca que os drones são uma das maiores armas que se tem hoje em dia, isso porque eles são “invisíveis”, não tripulados e podem ser controlados a milhares de milhas de distância, ou seja, não é necessário contato direto em uma guerra para estar nela. Seu trabalho é deixar um desenho do contorno de um drone, em tamanho real, pelas ruas, tornando-o assim visível e chamando a atenção das pessoas de forma enérgica para essa tecnologia militar

<sup>7</sup> <https://www.google.com/earth/>

<sup>8</sup> <https://www.google.com.br/maps>

<sup>9</sup> Uma espécie de gel feito de farinha e água bem semelhante a uma cola.

que além de estar presente no dia a dia, pode romper com as responsabilidades morais e políticas de pessoas e países para com outros.

Nós todos vivemos sob a sombra do drone, embora a maioria de nós tenha a sorte de não viver sob o fogo direto. Mas a atitude que eles representam - da tecnologia utilizada para o obscurecimento e violência; da ofuscação da moralidade e culpa; da ilusão de onisciência e onipotência; do menor valor da vida de outras pessoas; de, francamente, guerra sem fim – deve preocupar a todos. (BRIDLE, 2013, tradução nossa).



**Figura 2.** Under the shadow of drone.

[http://shorttermmemoryloss.com/portfolio/files/gimsgs/84\\_shadow02.jpg](http://shorttermmemoryloss.com/portfolio/files/gimsgs/84_shadow02.jpg) Acesso em 28 mar. 2016

Concluindo a relação dos artistas europeus com a realidade por eles vivida, pode-se notar principalmente uma preocupação com a invasão da vigilância em suas vidas, isso devido ao alto número de câmeras pelas ruas e a preocupação com os ataques terroristas. Nota-se nesses artistas um composto pela problematização da influência do excesso de monitoramento no dia a dia da população, seja por câmeras ou aplicativos como o *Google Street View*, como mostra Paolo Cirio. Já James Bridle ressalta como essa ação pode ser pior em áreas de conflito direto como Afeganistão, Iraque e entre outros e frisa que apesar disso, a vigilância excessiva deve ser uma preocupação de todos os países.

## Estados Unidos

Nos Estados Unidos, os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque e em Washington D.C. marcaram profundamente a história e a política dos Estados Unidos



da América. O conhecido Ato Patriótico<sup>10</sup>, aprovado poucas semanas após os atentados, foi o início da Doutrina Bush: a estratégia de governo baseada no contraterrorismo e na legítima defesa com perfil preventivo, que permitiu primeiramente a ação, depois, os questionamentos (GOÉS, 2007 *apud* TORRES, 2015).

Ainda no mandato de Obama, o país sofre com o medo de outro ataque como o de 11 de setembro e por essa razão qualquer tipo de ameaça terrorista é justificada, mesmo com definições constitucionalmente questionáveis, para garantir a segurança do país. Por conseguinte, os cidadãos dos Estados Unidos e até a comunidade internacional têm seus direitos e liberdades civis violadas.

### *Unnamed*

Trevor Pagen, doutor em geografia pela U.C. Berkeley, já trabalhou como diretor de fotografia em *Citizenfour* (2014), documentário de Laura Poitras, premiado com o Oscar, que aborda a Agência de Segurança Nacional (NSA). O artista tem fotografado e escrito sobre drones, black sites militares e satélites. Em sua obra fotográfica, exposta no museu *Metro Pictures* em Nova York, ele torna visível a estrutura de vigilância dos Estados Unidos. O artista captura as imagens a longas distâncias, usando lentes de telefoto projetadas para astrofotografia. Ele fotografou os cabos submarinos de fibra óptica que compõem a infraestrutura física da internet e segundo o mesmo, esses cabos pertencem a empresas de comunicação, porém a NSA oferece dinheiro a elas para ter acesso (Sokol, 2015).

---

<sup>10</sup> Decreto que permite, entre outras medidas, que órgãos de segurança e de inteligência dos EUA interceptem ligações telefônicas e e-mails de organizações e pessoas supostamente envolvidas com o terrorismo, sem necessidade de qualquer autorização da Justiça, sejam elas estrangeiras ou americanas.



**Figura 3.** Exposição Trevor Plagen 2015. *Metro Pictures*.

Disponível em

<<https://static01.nyt.com/images/2015/10/09/arts/09PAGLENGALLERY4/09PAGLENGALLERY4-master675.jpg>> Acesso em 12 abril 2016.

Paglen ao tirar fotos com sua câmera alcança complexos de inteligência militar, que com drones ativos e cabos submarinos, levam dados de todo o mundo a diversas áreas dos Estados Unidos. Com isso, ele revela pontos obscuros sobre a vigilância, que na maioria das vezes passam despercebidos pelas pessoas em seu dia a dia. Sua obra expõe uma investigação sobre a vigilância digital feita pela NSA e pelo órgão governamental britânico GCHQ, em conjunto com empresas como *Google*, *Yahoo* e *AT&T*. Para Schwendener (2015), essa é uma exposição de arte pertinente, raridade, sobretudo porque, com a nossa inércia contínua frente às iniciativas ilegais da NSA, precisamos de lembretes ininterruptos dessa vigilância para nos sentirmos compelidos a tomar providências.

### *Google Street with a view*

Neste projeto, os artistas Ben Kinsley e Robin Hewlett chamaram os moradores de Northside de Pittsburgh e montaram juntos vários acontecimentos em uma rua estreita. Foram encenadas várias ações como, por exemplo, um desfile de banda, uma maratona, um resgate heroico, entre outras. A intervenção foi registrada pela equipe do *Google Street View*, que colocou as imagens na plataforma de mapeamento. Essa foi portanto a primeira intervenção artística feita no *Google* e ocorreu no fim de 2008.

O projeto em questão aborda a tensão e preocupação com a vigilância e a banalidade das imagens capturadas pelo já citado *Street View*. Além disso, engloba debates sobre privacidade, direito de uso das imagens, sejam elas comerciais, de apenas um indivíduo ou de bairros inteiros. O projeto engloba e junta elementos como vigilância, narrativa,

mapeamento e realismo nas ruas. Além disso, torna-se uma apropriação de imagem trazendo um novo significado para a mesma.

Por fim, analisando as obras dos artistas apresentados nos Estados Unidos, é possível refletir sobre o aumento significativo da vigilância após o 11 de setembro, fato também apontado por Mann, Nolan e Wellman (2002). E, com isso, as questões levantadas pelos artistas tais como, o papel do *Google Street View* na superexposição das pessoas, a capacidade do governo de obter informações e vigiar a população de modo invisível. Os Estados Unidos sempre se mostram em uma posição mais agressiva com situações em que é preciso obter informações. Agrega-se a isso a paranoia americana com segurança e vigilância, um exemplo é o já mencionado Ato Patriótico.

### **Oriente Médio**

Wilkinson (2010 *apud* Rodrigues, 2014, p. 134.), afirma que o crescente aparecimento de conflitos no início deste século no Oriente Médio, agravado com o ataque de setembro de 2001, mostra uma nova concepção de guerra em relação às anteriores. Com isso, os Estados Unidos, por exemplo, mantiveram seu foco em retomar força e controle sobre a situação de segurança em relação ao Oriente Médio.

Desde então, o terrorismo torna-se uma espécie de inimigo extremo dos governos ocidentais, que apostaram nas ações militares na região. E, com isso, as justificativas para tais ações sempre giraram em torno da segurança e defesa da nação para assim conseguirem atacar os países aos quais os grupos terroristas alegavam ser sua origem. Enfim, a vigilância tende a ser vista nesses países como uma ferramenta usada contra a população e não a fim de protegê-la, como reforçam os trabalhos dos artistas em seguida.

### *Archive*

Arkaide Zaides é um dançarino e coreógrafo israelense que trabalha de forma independente. Um de seus trabalhos se chama *Archive*. Este “arquivo” consiste em um projeto feito pelo B’Tselem<sup>11</sup>, organização que tinha como intuito distribuir câmeras de vídeo para os palestinos que estão em áreas de conflito. O objetivo era documentar a violação de direitos humanos, usar esse material como prova em investigações e tornar

---

<sup>11</sup> É uma organização não governamental israelense. B’Tselem refere-se a si própria como “o centro de informações israelense para os direitos humanos nos territórios ocupados”.

conhecida internacionalmente a realidade dessas pessoas. Em sua obra, Zaides usa a arte para aprofundar a situação da Palestina. Ele obteve acesso aos vídeos feitos pelos voluntários do projeto B'Tselem, selecionou, revisou inúmeras horas de filmes e se apropriou desses vídeos trazendo-os para uma outra perspectiva.

O objetivo principal do artista, além de revelar a realidade local, é discutir o efeito da violência no corpo de cada ser humano envolvido nisso e qual o preço capaz de comprar o controle sobre o outro. Zaides preferiu não explicitar muito a violência e sim tratá-la pelos arredores usando das vozes, movimentos e materiais (camisetas, por exemplo) para incorporar os palestinos, e, com essa performance, o artista consegue colocar em questão o corpo ativo e vivo naquele momento, tornando-o um arquivo. Com isso, somado a sua performance, ele consegue chamar a atenção para as reações físicas dos corpos de israelenses em meio a situações de conflito. O trabalho que apresenta a visão dos palestinos coloca o foco nos soldados e colonos israelenses e sob essa ótica o artista afirma em entrevista para Naomi Zeveloff, "Eu sou parte desta sociedade, eu sou parte desta comunidade. Eu pago impostos. Eu seguro a responsabilidade pelo que está acontecendo. Estou colocando a questão de como esta situação permanente de ocupação está se infiltrando nosso corpo coletivo" (ZEVELOFF, 2015, tradução nossa).

### *500 feet is the best*

Omer Fost, nascido em Israel, em seu filme *500 feet is the best* mostra um operador de drones da US Air Force e, vai descrevendo ao longo do filme as técnicas e como funcionam o rastreamento e o ataque contra o inimigo. O vídeo de trinta minutos de duração mostra também que, mesmo com avanços tecnológicos, não se tem uma significativa mudança desde as trincheiras da Primeira Guerra Mundial. O filme foi colocado em exposição no museu *Imperial War* em Londres e, segundo o artista, ele acha fascinante o modo como a guerra pode se tornar uma exibição (McDonald, 2013).

O filme começa com uma família composta por pai, mãe e duas crianças saindo de casa para uma viagem em direção a Las Vegas. Ao mesmo tempo, acontece uma entrevista em um hotel em Las Vegas com um operador de drones na qual ele conta sobre os aspectos técnicos de seu trabalho e sua rotina. Além disso, trata de incidentes que acabam por atingir militantes e civis e as consequências psicológicas relacionadas a isso. Por fim, o filme termina de forma inacabada, mas deixando claramente a mensagem do diretor: "Eu estou

tentando criar algum tipo de forma de consciência que foi rompida por uma experiência extrema” (MCDONALD, 2013, tradução nossa.)



**Figura 4.** Fragmento do curta *500 feet is the best*, de Omer Fost, 2013.

Disponível em: < <http://www.disphotic.com/review-5000-feet-is-the-best-at-imperial-war-museum/>>. Acessado em 11 de mar. 2015.

Concluindo as obras dos artistas em relação ao Oriente Médio, eles apresentam obras fortes, que tratam ferozmente da situação de pessoas que vivem nessas regiões de conflito e que são constantemente atacadas, observadas, ameaçadas e ainda assim não podem fazer muito sobre isso, pois a tecnologia permite que drones, por exemplo, sobrevoem áreas e atirem bombas sem ninguém saber o real motivo ou a mando de quem aquilo foi enviado. Os artistas mostram pessoas que fazem parte de minorias e que por isso sofrem todos os dias, com a vigilância de outros países sobre elas.

## Conclusões

Entre os oito artistas escolhidos, é possível analisar e entender melhor a arte envolvida com a vigilância e ainda levar em conta a área em que eles vivem. As obras mostram-se muitas vezes radicais e em outras mais sutis e foram expostas através de vídeos, fotos, intervenções na internet, artes de rua, entre outros.

Analisando todas as regiões, percebe-se uma diferente interpretação e aplicação da vigilância no dia a dia da população, sendo no Brasil destacado principalmente pela segurança pública; na Europa e nos Estados Unidos os casos terroristas, o aumento do fluxo de migração e a presença incessante de câmeras por todos os lados; e no Oriente Médio, uma vigilância de guerra que não descansa. Tudo isso torna possível uma reflexão social e política sobre privacidade, segmentação de classes, países desenvolvidos e os subdesenvolvidos e relação com a vigilância.

É possível notar uma discrepância de objetivos da vigilância em cada lugar do mundo e os artistas usaram de estética e sensibilidade para conseguir transmitir para suas obras seus ideais e expô-los a fim de abrir os olhos da população mundial para um problema presente no dia a dia de todos.

## REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000. Resenha de: ALVES, Andrea M. **Revista Mana**, vol.8 no.1, 2002 Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132002000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100010) >. Acesso em 16 abr. 2016.

BRUNO. F.. **Máquinas de ver, Modos de ser** - Vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. Contramanual para câmeras inteligentes: vigilância, tecnologia e percepção. **Revista Galáxia**, n. 24, p. 47-63, dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Estética do flagrante: Controle e prazer nos dispositivos de vigilância contemporâneos. In: Cultura e Pensamento, **Revista Cinética**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[http://www.revistacinetica.com.br/cep/fernanda\\_bruno.htm](http://www.revistacinetica.com.br/cep/fernanda_bruno.htm)>. Acesso em 16 mar. 2015.

BRUNO, F.; KANASHIRO, M.; FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade** - Espaço, tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEBLANC. Paola Barreto. Composição para circuito de vigilância. Surveillance in Latin America. In: **Simpósio Interdisciplinar Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina**. PUCPR, Curitiba. 4-6 de Março de 2009. P. 466-486. Disponível em: <[http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoH\\_A20\\_pp466-486.pdf](http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoH_A20_pp466-486.pdf)>. Acesso em 25 fev. 2016.

LEMOS, André. Mídias locativas e vigilância: sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: **Simpósio Interdisciplinar Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina**, Curitiba, 4 a 6 de março de 2009, p. 621-648. Disponível em: <[http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoJ\\_A21\\_pp621-648.pdf](http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoJ_A21_pp621-648.pdf)>. Acesso em 16 mar. 2015.

MANN. Steve; NOLAN, Jason; WELLMAN. Barry. Sousveillance: Inventing and Using Wearable Computing Devices for Data Collection in **Surveillance. Surveillance & Society**, 1(3), p. 331-355, 2003. Disponível em: <[http://www.surveillance-and-society.org/articles1\(3\)/sousveillance.pdf](http://www.surveillance-and-society.org/articles1(3)/sousveillance.pdf)>. Acesso em 25 fev. 2016.

RODRIGUES, Noeli. O desafio da segurança internacional no Oriente Médio. **Conjuntura Global**, v. 3, n. 4, 2014. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/conjglobal/article/view/40060/24460>> Acesso em abril 14 abril 2016

SILVA, Tarcisio Torres. Práticas de resistência em vídeo: da videoarte aos ambientes colaborativos. **III Simpósio Nacional ABCiber**, São Paulo, 16 a 18 de novembro de 2009.

TORRES, Luísa. Políticas de segurança nacional para o combate ao terrorismo internacional nos Estados Unidos da América: reformas e reafirmações do governo Obama. In: **Anais do 1º. Seminário Internacional de Ciência Política**. Porto Alegre, UFRGS, 9, 10 e 11 de setembro de 2015. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/TURBINO-Pol%C3%ADticas-de-seguran%C3%A7a-nacional-para-o-combate-ao-terrorismo-internacional-nos-Estados-Unidos-da-Am%C3%A9rica.pdf>>. Acesso em 13 abril 2016.

### Sites e outras referências eletrônicas

A COMISSÃO Europeia adota medidas para reforçar a cooperação da UE na luta contra o terrorismo, a criminalidade organizada e a cibercriminalidade. **European Commission**. 28 abr. 2015. Disponível em <[http://europa.eu/rapid/press-release\\_IP-15-4865\\_pt.htm](http://europa.eu/rapid/press-release_IP-15-4865_pt.htm)> Acesso em 13 abril 2016.

AGENDA Europeia para a Segurança: Perguntas e respostas. **European Commission**, 28 abr. 2015. Disponível em <[http://europa.eu/rapid/press-release\\_MEMO-15-4867\\_pt.htm](http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-15-4867_pt.htm)> Acesso em 13 abr. 2016.

BRUNO, Fernanda. **Dispositivo de visibilidade** [blog na internet]. Disponível em: <<http://dispositivodevisibilidade.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10 mar. 2015.

BRIDLE, James. Under the Shadow of the Drone. **Lighthouse**, 2013. Disponível em <<http://www.lighthouse.org.uk/programme/james-bridle-under-the-shadow-of-the-drone>> Acesso em 28 mar. 2016.

CHAYKA, Kyle. Por que é tão difícil enxergar a vigilância? **Vice**, 2015. Disponível em <[http://motherboard.vice.com/pt\\_br/read/por-que--to-dificil-enxergar-a-nsa](http://motherboard.vice.com/pt_br/read/por-que--to-dificil-enxergar-a-nsa)>. Acesso em 17 abril 2016.

MAASS, Peter. Art in a Time of Surveillance. **The Intercept**. 13 nov. 2014. Disponível em <<https://theintercept.com/2014/11/13/art-surveillance-explored-artists/>>. Acesso em 14 abril 2016.

MCDONALD, Fiona. Omer Fast's film, 5,000 Feet Is The Best, is first in a series of modern art works exploring conflict at the Imperial War Museum. **Metro (UK)**. 25 jul. 2013. Disponível em: <<http://metro.co.uk/2013/07/25/omer-fasts-film-5000-feet-is-the-best-is-first-in-a-series-of-modern-art-works-exploring-conflict-at-the-imperial-war-museum-3897059/#ixzz48HXZyPYu>>. Acesso em 08 mai. 2016.

SCHWENDENEROCT, Martha. Trevor Paglen Brings Surveillance to Metro Pictures. **The New York Times**, 8 out. 2015. Disponível em <[http://www.nytimes.com/2015/10/09/arts/design/trevor-paglen-brings-surveillance-to-metro-pictures.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2015/10/09/arts/design/trevor-paglen-brings-surveillance-to-metro-pictures.html?_r=0)>. Acesso em 17 abril 2016.

SOKOL, Zack. Trevor Plagen Photographs. **Vice**, 10 set. 2015. Disponível em <<http://www.vice.com/read/the-map-is-the-territory-0000742-v22n9>>. Acesso em 17 abril 2016.

ZEVELOFF, Naomi. The Occupations and Preoccupations of Arkadi Zaidis. **Forward**, 27 fev. 2015. Disponível em <<http://forward.com/culture/21513/the-occupations-and-preoccupations-of-arkadi-zaide/#ixzz44wdwwGxm>>. Acesso em 3 abril 2016.